

O COMMERCIO DE BARCELLOS

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

SEMANARIO PROGRESSISTA

DIRECTOR--J. G. Paes de Villas-boas
Redacção e administração--Rua D. Antonio Barroso, n.º 45

Propriedade--EMPRESA DE «O COMMERCIO DE BARCELLOS»
Composição e impressão--Rua D. Antonio Barroso, n.º 45

Mesquinha vingança!

**A vereação dos corgas, n'um arran-
co de partidario baixo, de al-
mas pequeninas, demitte de me-
dico municipal o sr. dr. Mattos
Graça!!**

A gente da camara, tris-
tamente collocada no terre-
no falso da vingança mes-
quinha e reles, defende-se
frouxamente na «Folha» de
quinta-feira.

Que defeza pôde ter quem
a tanto desceu?

Como pôde um grupo po-
lítico desprovido em absolu-
to de auctoridade moral, res-
ponder, em nobre desaffronta
às accusações graves que
lhe fizemos e fazemos?

Que justificação pôde ha-
ver para actos repellentes,
reproduções fidelissimas
do espirito que os concebe?

Demais, o grupo, se pro-
voca, sabe muito bem quão
certeiras são as chicotadas
com que fazemos saltar o
sangue putrido de mazellas
inecuráveis.

Avançam para nós, esses
senhores, e em gosto desca-
rado de frequentadores de
viella pretendem attingir-nos
pessoalmente.

Vã illusão!

Não queremos descer a
esses processos de combate
tão habituaes á «Folha».

Não queremos, nem pre-
cisamos.

A critica dura mas justis-
sima, dos revoltantes factos,
por elles praticados, são o
bastante para ferir bem fun-
do os nossos adversarios.

O grupo, aqui chamado
regenerador, está habituado
a uma benevolencia excessi-
va da nossa parte.

Alguns d'esses nossos ad-
versarios, peritos no jogo re-
pugnante de armas tortuo-
sas, quantas vezes tem col-
lido, por cá, rasgados obs-
quios?!

Nas occasões de maior
regosijo partidario, n'a mel-
las em que o enthusiasmo
represado dos nossos ami-
gos podia justificar excessos,
o nosso partido tem sido
sempre de maior cordura, da
mais nobre generosidade.

Elles, não. Sempre que
pódem, em todas as occa-
sões, tentam agredir-nos.

Alguns, cujas vidas publicas
não resistem á mais ligeira

pressão do nosso escarpello,
ousam dirigir-nos imprope-
rios e insultos, calumniando,
por vezes, já que nada
teem que dizer.

Assim os regeneradores
da camara, em união hybri-
de com falsos nacionalistas
vingativos e rancorosos,
praticaram a violencia torpe
da demissão do sr. dr. Mat-
tos Graça.

E como se defendem?

Aproveitam uma local
nossa, excessivamente be-
nevolente, a proposito de
um incendio, e, *chantage* po-
litica no caso, procuram ex-
plorar a questão, por elles
avolumada, para desviar as
attenções da vil perseguição
camararia.

Depois, na quinta-feira,
na «Folha da Manhã», um
longo artigo.

E' um retratinho fiel, uma
reprodução nitida do quan-
to pôde um espirito odiento
em defeza de uma causa in-
justificavel.

O orgão progressista, co-
mo alli se diz, não desatou
sacco de rancores, nem pre-
cisa.

Sómente rasgamos um
pouco da capa com que se
cobriam tartufos, apenas
apontamos processos baixos,
odios ruins.

Dissemos verdades; e co-
mo ellas são duras para el-
les, o defensor da camara
chunta ao nosso artigo «de-
sabafo de creança peira».

Ah! como lhes doa, co-
mo lhes custa que não ten-
hamos um unico ponto
vulneravel!

Se o tivéssemos, pobre-
sinhos de nós... teriamos
de fugir para bem longe!
Ainda vale muito n'esta epo-
cha de desorientação, saber
manter a verdadeira linha
de correcção, não ter um
acto unico na vida que, ao
menos, possa ser deturpa-
do, aproveitado pela calum-
nia.

A camara, os regenerado-
res do grupo, os nacionalis-
tas obtusos, o incomparavel
presidente, ao disparar trai-

çoeiramente contra o sr. dr.
Mattos Graça, desiquilibra-
ram-se e cahiram.

Camara maldita que, até
hoje, já bem tristemente as-
signalou a sua passagem em
inúmeras vinganças sujas
desde a perseguição contra
o eleitor d'aldeia até á vio-
lencia repellente de que foi
alvo o sr. dr. Graça.

Achincalha, o defensor
amargurado e infeliz da ve-
reação dos corgas, os meri-
tos do sr. dr. Graça.

Toda a gente reconhece
os meritos indiscutíveis do
distinetissimo clinico. To-
dos sabem os muitissimos
serviços por elle prestados
como medico municipal.

A sua admissão na cam-
ara foi legalissima, como ao
tempo se provou na impre-
ssa.

As outras insídias lança-
das pelos espiritos mesqui-
nhos tinham boa resposta.
Mas, para quê? Nada de
desviar as attenções do as-
sumpto.

E' tarde o arrependimen-
to, senhores da camara. E'
tarde. Agora, queremos pe-
dir-lhes as responsabilidades
que lhes cabem, desmacara-
los, applicar-lhes o correcti-
vo que merecem, ainda que
elle seja tão pequeno, tão le-
ve, comparado com a gravi-
dade do facto.

Legalmente, não é aqui o
logar proprio para a discus-
são. Com um debate juri-
dico na imprensa nada gan-
haria a questão. Seria
uma terrivel embrulhada ao
fim da qual o publico já te-
ria perdido o interesse.

O campo legal é outro;—
ahi será o assumpto tratado
imparcialmente, á luz fria
dos principios do direito.

Aqui é a questão politica,
a questão de moralidade.

A proposito,—o sr. reitor
de Viatodos não pôde ainda
ver o *compendio*.

Esperamos a resposta do
insigne moralista e fluente
orador.

O partido progressista,
voltamos a repetil-o, jámais
praticou o mais pequeno
acto de vingança politica. E'
mais ainda. Em muitos
pontos que devia liquidar,
cumprindo leis rigorosas, o
nosso partido, por excesso
de benevolencia, deixou tran-
quillos os mais intransigen-
tes, facciosos, mesquinhos e
odientos adversarios.

E não se diga que a vio-
lencia praticada contra o sr.
dr. Graça foi consequencia
do caso do sr. Reis Valle. E'

falso. A camara de ha mui-
to que tinha planeado a de-
missão do sr. dr. Graça. O
sr. Reis Valle o dizia.

Ha muito tempo que isso
corria como certo pela villa,
indiscretamente divulgado
por gente lá das intimida-
des.

—Ao começar as consi-
derações que hoje apresenta-
mos, era nossa intenção cas-
tigar com dureza as pala-
vras insidiosas, o veneno do
odio pequenino confido no
artigo da «Folha».

Porém, aproveitando ago-
ra uma dosesita de pacien-
cia que nos chegou, em qua-
tro linhas desfaremos os ar-
gumentellos do lamentavel
paladino dos corgas.

Em nossa opinião é ille-
gal o acto praticado pela ca-
mara. Mas, para facilitar,
fazemos de conta que foi le-
gal.

Ainda que assim fosse,
não deixava por isso de ser
uma vingança reles e mes-
quinha.

Não foi legal, o caso Reis
Valle? A «Folha» disse
que sim e chamou-lhe vin-
gança. Que coherencia!

Demais, o caso referido
era muitissimo differente.

Alli havia um individuo
sem habilitações, exercendo
illegalmente a medicina, cri-
me previsto e punido pelo
Codigo Penal.

Além de que o mesmo se-
nhor desobedeceu, provocan-
tamente, ás determinações
da auctoridade, crime egual-
mente previsto e punido pe-
lo Codigo Penal.

Já se vê que mesmo na
hypothese falsa de ser legal
e acto da camara, não podia
elle ser justificado pela exis-
tencia do outro, tanto mais
que, na questão municipal,
havia um medico em extre-
mo paciente, aturando chi-
canices da incomparavel ve-
reação, e prestando aos po-
vos da villa e concelho os
mais relevantes, desinteresa-
dos e humanitarios servi-
ços.

Demais, note o maldadado
defensor, o processo Reis
Valle só foi mandado para
juizo depois da arbitrarieda-
de da camara.

E agora? Que dizem?

Refinadissimos comm-
ediantes!

AVISO

A administração do «Commer-
cio de Barcellos» previne os as-
signan es d'es e jornal de que
deixou de ser seu empregado, o
typographo Lusocio José Perei-
ra, d'esta villa.

Cartas d'aldeia

Valle de Tamel, 13 de Julho

—O thermometro vac subin-
do, mas sempre com reccio,
porque o vento de dous—ff—
lhe tem embargado o passo.
Hontem e hoje, até á hora que
lhes estou escrevendo, o calor
tem-se feito setir mais inten-
so, marcando o thermometro
—26—centigrados á sombra,
mas não de concordar, que,
para o meado de Julho, não é
muito.

—O centeio já está quasi to-
do malhado, limpo, guardado,
é algum já comido. A produ-
ção d'este cereal foi boa e a
sua colheita vac-se fazendo
nas melhores condições. Pa-
ra a alimpadura do centeio é
preciso que haja vento; pois
este anno temos estado n'uma
verdadeira crise... de abund-
ancia d'este poderoso ele-
mento; por falta de vento não
é, que o centeio deixa de ficar
bem limpo.

—Os milharas, apesar da
aspereza do tempo, têm bom
aspecto, tanto os milhos das
terras seccas como os das len-
tas. E' bem certo:—«Deus
escreve direito por linhas tor-
tas».

A vinha não tem gostade
dos ventos frios, tendo, quasi
no geral, um aspecto doentio;
das doenças conhecidas é o
oidium—a que mais aperta, ten-
do causado muitos estragos;
mesmo nas videiras uma e dú-
as vezes enxofradas.

E será o enxofre proprio pa-
ra este genero do tratamento
da vinha isso, que por aí se
vende, que nós comprámos e
applicamos ás nossas videt-
ras? Não sei. O que porém
eu lhes posso certificar é que
a droga, que o commercio nos
offerece hoje como enxofre,
não tem a força, nem mesmo
o cheiro activo, que tinha o
enxofre antigo, que, há qua-
renta e trez annos, eu princi-
pié de applicar por aqui. A
verdade é esta.

Dizia-se, e d'antes, que:—
meio mundo andava a en-
ganar o outro meio;—mas
modernamente pôde dizer-se
que: trez partes do mundo and-
am a roubar a quarta parte.

—Tem sabido n'estes últi-
mos dias, bastante vinho para
exportação, sendo a maior
parte das compras feitas pela
importante casa Pereira da
Costa, do Porto. E' com ef-
feito, esta casa, á que compra
mais vinho pelas freguezias d'
este Valle.

Algum do vinho da ultima
remessa já estava comprado
ha bastante tempo, a preço de
14\$000 reis, e só agora lhe
chegou a vez; tambem foi vi-
nho a 12, a 13 e a 13\$500 rs.
Alguns vendeiros tem apa-
nhado vinho por aqui, em pe-
quenas porções, a sujeitos en-
talados, a 9 e a 10\$000 reis, e
depois vendem-n'o a 30 reis
como aconteceu domingo no
S. Bento, aonde se vendeu
muita *pisgorria* por aquelle pre-
ço, ou seja a 23\$000 reis ca-
da pipa de vinte almudes da
nossa antiga medida!

E' claro: Quem é pobre não tem vícios...

—Falleceu hontem, pelas 5 e meia horas da tarde, na sua casa de Roriz, o conhecido lavrador Francisco José Gonçalves Ralha, pae dos meus amigos Domingos José Gonçalves Ralha, actual regedor em Roriz, e Antonio José Gonçalves Ralha, proprietario em S. Martinho d'Alvito, e irmão do meu velho amigo Abbade Antonio José Gonçalves Ralha.

No sabbado passado fazia o fallecido a sua malhada de centeio.

Pela manhã, á chegada dos seus amigos malhadores, matou-se o bicho, como é de costume nas grandes malhadas; depois de estendida a palha para a primeira eirada, comeu-se uma racha de bacalhau assado, com algumas gó-ladas, como tambem é da praxe por aqui; e em seguida, principiou-se a malhar, tomando o Francisco Ralha o seu lugar, pois era um malhador exímio. Ao chegarem ao extremo da eira o Francisco Ralha deixou o malho e veio tomar um ancinho para amparar a beira; foi n'esta altura e ainda em antes do almoço, que elle foi acommettido por um ataque de congestão cerebral, deixando-o paralytico pelo lado esquerdo; Não foi fulminante; pois fallou para os amigos, que o ampararam, evitando-lhe a queda: pediu uma cadeira para se assentar alli, a ver malhar; pediu os sóccos que tinham ficado da outra banda; mas, em breve trecho, houve de ser conduzido para a cama, sendo-lhe prestados todos os soccorros medicos, que foram impotentes para conjurar o mal; e, confortado pelos Sacramentos da Santa Egreja, veio a fallecer hontem como já disse.

O seu enterro é amanhã, precedido do officio funebres na parochial de Roriz.

O Francisco Ralha devia de contar 70 annos já feitos: era bom esposo, bom pae e bom amigo; muito prestimoso e servil; pôde dizer-se, affoitamente, que o Francisco Ralha não tinha um inimigo; e porisso, a sua morte, é geralmente sentida; e muito mais, pelo modo brusco como o surprebendera. Eu, que fui uma das testemunhas do seu casamento, dos baptizados de todos os seus filhos, e ainda de alguns dos seus netos, compartilho na funda magua de todos os seus, e associo-me áquelles que se encontram no estado mais dolente, feridos por tão inesperado acontecimento.

—Fallemos em coisas alegres.

Preparam-se festas rijas, esplendentes, ao Apostolo da Peninsula—Sant'Iago, tanto no Couto como em Carapeços, de cujas freguezias é padroeiro; sendo que a de Carapeços attinge este anno desusado brilho, tomando grande parte n'ella o meu presado amigo Antonio Alberto Barbosa, novo e digno Abbade d'aquella freguezia.

Ainda me lembro de haver, por ali, pela festa de Sant'Iago, comedias do Reixello, e de que este nosso antigo poeta, tambem de Gallegos, mas sem ser do classico Manoel de Gallegos, dava começo assim ao seu entremez:

«Eu, com estes codeços, cheide varrer os de Carapeços, e, com uma vassoura enorme de codeços, varria o palco, aonde cahiam assobios e gargalhadas em barda da multidão hilariente, que mais se ria

das carêtas, que o Reixello fazia, que dos versos que o Reixello dizia.

Até á semana.
PANCRACIO.

SECÇÃO AGRICOLA

o OLIVEIRA

—Esta planta caracteristica da zona Mediterranea, estende-se por todo o sul da Europa, norte da Africa e Asia Menor; desenvolvendo-se admiravelmente no nosso paiz, onde tem, como em parte alguma do globo, um clima sobremaneira prospero.

Os nossos azeites podiam, sem grande esforço, ser os melhores do mundo, ultrapassando assim os italianos, que n'este, como em quasi todos os ramos agricolas, têm operado uma transformação completa; principalmente no que diz respeito a processos de fabrico.

O nosso mal é o difficiente fabrico, porque a materia prima não tem rival; assim, desde que haja um bom fabrico, o azeite apresenta-se finissimo e a sua acidéz é nulla.

Lembrou-me n'este artigo fallar da pobre oliveira, que nossos avós tanto cuidaram e que agora se encontra isolada, toda decepada, votada ao mais perjeito abandono.

E' triste vêr assim tratada uma arvore, que devia até ser venerada com todo o esmero.

A agricultura moderna não entende que devemos fazer esta ou aquella plantação, porque fulano não a fez.

Deve primeiro estudar a natureza da terra, o clima, a exposição da sua propriedade; condições economicas dos diversos productos, e sua facil collocação; se no meio onde está lhe é facil obter os braços sufficientes sem exaggero de jornaes, etc. etc.

Só depois de mil considerações, decidirá qual a exploração que hade servir de base e quaes os accessorios que com esta podem ter alguma relação.

Deixando as divagações e entrando novamente no assumpto, direi que o clima exerce acção na quantidade e qualidade do azeite; em climas quentes os azeites são mais ordinarios que os originados em climas menos quentes, em que os fructos sendo menos precoces fundem oleos mais fluidos, mas em menos abundancia.

A oliveira vegeta bem em quasi todos os solos, considerando-se como os mais favoraveis, os terrenos calcarios—silico—argilosos e alguma fertilidade e fundura.

Os terrenos muito férteis não são bons, dão arvores de grande desenvolvimento e colheitas pouco abundantes.

Nas terras aridas e pedregosas, não adquire grande desenvolvimento; mas as produções dão azeite de melhor qualidade.

Ainda no ultimo congresso oleicola, se debateu uma questão muito interessante, que se resume por fim de contas em questão de interesse; os congressistas transmontanos affirmavam que os melhores azeites, eram os produzidos por terras graniticas como os da sua região; os do sul apontavam os calcarios um tanto argilosos pela mesma razão, não chegando a accordo algum sobre este ponto.

A exposição mais conveniente varia com o clima: no norte aconselham-se de preferencia as exposições quentes, ao passo que ao sul preferem-se as mais frescas.

L. MARÇAL.

AS NOSSAS VINGANÇAS

A «Folha», queimando todos os cartuchos contra nós, sofreu um desastre.

A falta de projecteis não escolheu.

Resultado—aconteceu-lhe como aos pretos—o tiro em vez de attingir-nos, fez rebentar a espingarda e lá ficou a pobre «Folha em estado lastimoso.

Deixemos os mortos. Discuttil-os não é proprio de quem vive em tão seraphica camaradagem com os santos nacionalistas moralistas da camara.

Paz ás suas almas. Respeitemos-lhes as cinzas. O contrario, deve sabe-lo o collega da «Folha», é um crime previsto na lei.

Vamos, pois, aos vivos, que ahí estão de perfeita saúde.

Os ex-pregados Faria e Araujo, eram simples interinos que a camara podia dispensar, quando lhe aprouvesse.

O primeiro foi demittido por falta de respeito e desobediencia ao superior legitimo, em assumpto de serviço.

O segundo sahfu em virtude de ser reformado o quadro respectivo. Concorreu, depois, sendo preferido outro individuo pela simples razão de que um pharmaceutico tem preferencia sobre um artifice siderothecnico.

O sr. Azevedo, se foi victima de uma vingança, são passados á cathgoria de victimas todos os concorrentes a um logar que forem preteridos por outros. Entre os concorrentes a um logar, só um é que obtem a nomeação. Portanto, segundo a «Folha» outros são victimas.

Demais o sr. Azevedo recorreu, dando os tribunaes razão á camara.

O caso do victimo Machado, nem se quer existiu. Esse homem foi, como jornalista, prestar uns serviços ao cartorario da Misericordia.

Lá esteve alguns mezes; e, ainda que não fosse da confiança do respectivo secretario, este não impoz a sua expulsão. Foram dispensados os seus serviços pela pessoa que o chamou.

Quanto ao «Antonio das aguas», o caso é mais interessante. Foi demittido em virtude de abusos commettidos, sendo o principal, o fornecimento de uma agua municipal para beneficio do sr. Albino Leite, com manifesto prejuizo da população da villa.

A camara actual reintegrou o. O sr. Leite, redactor do orgão da camara, lá sabe as razões...

Se querem mais...

Sem mascaras

O sr. dr. Monteiro, por de traz da «Folha da Manhã» vem outra vez e com insidias a respeito de umas suas precipitadas phrasas.

Já puzemos a questão bem clara, contando como os factos se passaram.

Somos mais dedicados á referida corporação do que outros, que não podem ou não sabem manter a linha de conducta que os deveres sociaes impõem.

Deixe-se de creancias, sr. dr. Monteiro, e oiça:

—V. Ex.^a declarou que fazia as citadas affirmações, «pondo-se, n'esse momento, de fóra da corporação em que estava funcionando».

Isto é a pura expressão de verdade, rectificada hoje, sob palavra d'honra, pelo director d'este jornal.

Este avoca a si, pessoalmente, a liquidação do assumpto, não vindo na sua frente outra pessoa além do sr. dr. Monteiro.

Homens que se prezam, discutem assim.

IMPARCIALIDADE...

—O nosso colléga do «Janeiro», em correspondencia publicada hontem, protestatambem contra a nossa innocente local sobre incendios.

Aquillo é que é um espirito nobilissimo sempre revoltado contra as injustiças!

A respeito da prepotencia municipal contra o sr. dr. Graça, nem uma palavra.

Ninguém pôde duvidar da imparcialidade e justiça... de funil, d'aquelle solicito correspondente!

Valha-nos Deus!...

Descambando

O collega da «Folha», habituado a descambar para a linha baixa, permittiu-se dizer quatro pouco respeitadas tolices a proposito do digno administrador do concelho sr. Conde de Villas Boas.

Sua Ex.^a, como auctoridade, já tomou as suas providencias. Pessoalmente resolveu, e muito bem, dar a cada qual o tratamento que merece.

Isto de dar-lhe importancia, collega, é só para nós... por dever d'officio.

O CHEFE

Onde está o sóba? Em Lisboa, ou em Santa Leocadia?

Porque não apparece? Está ao lado da camara apoiando as reles e tôrpes vinganças?

Custa-nos a crêr. Parece-nos que soffreu mais um golpe na minguada chefia. Por ahí dizem que elle já não manda nada. Que só manda o outro, embora se preoccupa com os feitos pauliticos.

O SUSTO

—O susto da «Folha» fel-a delirar.

Imaginou manifestações e não sabemos que mais. Enganou-se.

O que está encommendado, segundo ouvimos, é uma dose de anarchistas, com bombas e tudo.

Será bom que continuem por lá no estado de prudente e cautelosa expectativa.

Bem se vê que não desconhecem o velho proverbio: «mais vale prevenir...»

O CASO DOS BOMBEIROS

Estavamos bem longe de suppôr que a quella desprezenciosa local, do nosso ultimo numero, ácerca do incendio que houve no estabelecimento dos srs. Duarte & Irmão, tanto molestará as gentes das diversas côres politicas que, nos ultimos tempos nos habituamos a ouvir rosnar em volta do nosso pobre acampamento politico.

Não. Aquillo aqui escripto não passou de referencia a uma entidade official evidentemente discutivel, visto que lhe cabem sempre responsabilidades tremendas, a um commando que tem de estar em publico sempre em momentos criticos, sem que nos preoccupassemos com a pessoa representante d'essa entidade, que, verdade seja dita, embora já n'este jornal fosse acerbamente discutida e atacada, ha annos, não proporcionou, ainda, á actual redação, motivo para accusações graves.

O que não quer dizer que o não accusemos, como a qualquer outro, quando notemos que os seus actos não trilharam a necessaria correcção, cahindo, portanto, nos dominios da critica.

Posto isto para esclarecimento dos homens e das coisas, vamos perder alguns momentos, não voltando ao facto lamentavel que melhor fóra esquecer, mas simplesmente dizendo algumas palavras relativamente ás cousas subseqüentes: a marcha, da noite de segunda feira, entusiasta, quente, delirante, estrondosa, coisa nunca vista, e um papelucho petulante e quichotesco, ahí distribuido com a opigrapha—«Em legitima defeza»—, em cuja prosa se espremem os sabidos odios de certos instigadores de chronica avariada, e em que se esvurmam ameaças ridiculas e pretenciosas.

Ora tudo isso, marcha e papelucho, não passa d'uma manifestação politica, digam o que disserem, preguem o que entenderem para illudir os papalvos ou os bem intencionados.

Podem dizer nos que, tanto n'uma como n'outra coisa, devemos ter visto correligionarios nossos. E' certo. Mas estes, queremos acreditar-o, nem lêram o arrebitado papelucho antes de emprestarem o seu nome, dando assim uma prova de confiança de que se abusou, nem foram illudidos das intenções dos politucantes dirigentes e preparadores da função de 2.^a feira á noite, cujos fins se perceberam claramente, quando, já pela manhã d'aquelle dia, faziam constar, radiantes, uma manifestação ruidosa como se viu.

Não tentem illudir quem lhes conhece bem as manhas. E não venham dizer, para desculpar a insensata festança, que o que fóra planeado era sómente uma manifestação ao sr. 2.^o commandante, adentro das portas da associação, o que não seria censuravel, mas que não foi possível de ter o delirio dos manifestantes, aquecidos pelo entusiasmo, e que teimaram em sahir para a rua.

Mas então não ha alli quem mande e seja obedecido? Não deve haver alli ordem e dis-

ciplina? E' provavel, mas o que transparece, tambem, é que desparecendo-se barulho, estrondo, espalhafato, enfim, tudo para effeitos, não houve quem mandasse e fosse obedecido...

O que se queria foi aquillo que se fez: carregar com o commando ás costas por essas ruas fóra, á luz amarella e esfumante dos archotes, fazer ruido com vivório em barda, para o que ha sempre typos reconhecida bossa, pretenpendo assim irritar e indispor o animo do barcellense pacato, no fim de contas, sempre justo no seu juizo.

Mas nós conhecemos e sabemos dos açuladores sempre promptos a investir contra nós e contra o nosso partido. Nós conhecemos-lhes as façanhas e os rancores que despresamos. Não nos intimidam ameaças, nem por ellas deixaremos de, n'esta tribuna, colaborar na obra de educação e morigeração de costumes que é tambem missão da imprensa.

Não caluniamos. Não. Apenas citamos factos lamentaveis, sim, mas que presenciemos com pesar.

A marcha de segunda feira á noite, embora com a côr de festa dos bombeiros ao seu commando, foi uma manifestação de desejados effeitos politicos. Registamos o facto que o prospecto insolente, distribuido na quarta feira, veio ractificar, n'aquella sua proza de bravatas e pimponices.

Esse papel, que nos abstermos de discutir, está assignado por pessoas que o não assignariam se lhes fosse mostrado previamente. Aquillo trezanda a odio velho, de inimigos facciosos, nossos o do nosso partido.

Estamos habituados aos assaltos d'essa gente, que tanto morde como babuja a mão dos adversarios. São sempre os mesmos...

No caso presente o sr. 2.º commandante dos bombeiros foi um pretexto que aproveitaram logo. Deve ter comprehendido que a politiquice pegou na sua pessoa e, como quem conduz uma imagem milagrosa, o expôz ás turbas, no manifesto intuito de electrizar a escumalha. Foi só isto, creia.

Fala-se no papelucho, só a isto nos referiremos, em vinganças contra o sr. 2.º commandante dos bombeiros. Vinganças de quem e per jué? Nossa? Mas nós não sabemos de motivos porque tentamos de tirar vinganças do mesmo senhor e, quando os tivéssemos, não seria aproveitando uma falta que liquidaríamos contas.

Não está isso nos nossos habitos. E tanto que ha ali inimigos nossos e adversarios dos mais ferinos, de alma tão negra como o fato em que embruham o peito aonde não ha remorso ou consciencia, em cuja chronica, repassada das maiores vilanias, nem mesmo quando nos mordem temos tocado.

E, no entanto, temos a convicção de que assim não procederiam commosco, se fôssemos como elles. Do nosso partido? Mas como, se do partido progressista recebeu sempre, o mesmo senhor, as honras de uma constante consideração?

Todos sabem que o sr. commandante é funcionario publico, e, nas vezes que tem tido por chefes distinctos correligionarios nossos, de todos recebeu amabilissimo trato e absoluta confiança.

Dito isto, que nem o mais

refinado açulador pôde negar e o sr. commandante deve reconhecer, estamos certos d'isso, aonde está a suspeita, sequer, de vingança nossa?

Em tudo a politiquice! Já vae muito longo tudo isto. Vemos terminar, declarando o seguinte:

—Referindo um facto lamentavel que não inventamos, semente cuidamos de evitar a sua repetição. Não discutimos pessoas, mas samente entidades officiaes cujos actos estão na alçada da imprensa. Não nos move nenhuma má ventade contra a associação das Bombeiros Voluntarios, como a mesma politiquice pretende insinuar. Antes por ellas sentimos a sympathia que merece tão benemerita instituição, a que por vezes temos prestado aqui a homenagem devida, o que não impede que algo observemos no justo direito de critica de que não abdicamos, quando tenhamos motivo para essa critica. Para a sympathica instituição de benemerencia, para os valentes que tão corajosamente arriscam a vida contra os incendios, nós tomamos sempre a maior admiração. Para os politicos, zangãos damninhos n'aquella colmeia tão prestante, teremos uma energia igual ao rancor com que nos atacam.

Finalmente, declaramos que não voltamos ao assumpto, porque não estamos para alimentar uma polemica com que nado lucra a associação dos bombeiros.

Já estavam escriptas estas linhas quando vimos a gazeta regeneradora local.

O seu localista confirma, ainda mais, a politiquice aguda que tomou conta do caso. Arde no mesmo fogo do auctor ou auctores do terrifico papelucho. Queima muito incenso ao seu idolo, a quem dedica ternissimos diminutivos e inventa que a multidão entusiasmada se acotovellava nas salas internas do edificio dos bombeiros, quando o certo é que ali esteve muito pouca gente além da da casa e alguma desta sem saber do que se preparava.

Ponhamos as coisas nos seus logares, mesmo para que se não cuide láfora quietudo cá na terra, está de cócoras perante o sr. 2.º commandante dos bombeiros.

Façam lá a sua politica mas não queiram deitar terra aos olhos de toda a gente. Não lh'o consentiremos porque nos revolta a ousadia unica de muito pimpão truanesco cujos actos não correspondem ás prosapias com que ali saltam para publico, investindo contra quem samente os tem poupado.

A «Folha da Manhã», prestaria melhor serviço á associação dos bombeiros, aconselhando menos palavreado e mais instrucção em exercicios, como se faz em toda a parte, do que estando a louvaminhar constantemente. D'esta louvaminha systemathica, nasce muitas vezes o abandono, o desleixo, a indolencia e por vezes a desorganização que é sempre motivo para justa critica.

E' preciso dizer a verdade, ainda que nos desagrade, para não estarmos ali a alimentar illusões.

Tambem a «Folha» diz que a direcção da associação dos bombeiros, deliberou, e em sessão extraordinaria lançou

um voto de louvor ao corpo activo e seu 2.º commandante e ainda pedir á camara uma syndicancia sobre os dois ultimos incendios.

Achamos muito logico tudo isto, n'este regimem de politiquice.

Lembramos até á camara que nomeie syndicante o vereador, sr. Joaquim Araujo, um dos entusiastas da festa de segunda-feira á noite.

E se não for averiguada a exactidão do que dissemos, samente para que se não repita, entoaremos aqui um sentido *poenitet me peccati*.

Como tudo isto se prestava á mais hilariante *charge*!

E' que faz muito calor e tambem não queremos que imaginem más vontades que não temos.

Sómente nos saccudimos quando nos aggridem.

NOTAS LOCAES

Dr. Joaquim Paes

—Com sua ex.^{ma} esposa e gentilissima cunhada, a sr.^a D. Elisa Sellés, distincta dama madrilena que ha mezes se encontrava n'esta villa, partiu hoje para a Granja este nosso querido amigo e talentoso director politico.

S.ex.^{as} passam n'aquella elegante praia a estação calmosa.

O sr. dr. Joaquim Paes continua dirigindo este jornal abrilhantando estas columnas com a sua pena vibrante de vigoroso jornalista.

Dr. Alexandre d'Albuquerque

—Assumiu a direcção do nosso brilhante collega o «Liberal», de Lisboa, este nosso presado amigo e distincto cor-religionario.

O sr. dr. Alexandre d'Albuquerque tem hoje logar bem de destaque como jornalista brilhante e polemista notavel.

Os nossos affectuosissimos cumprimentos.

Necrologia

—Em S. Pedro d'Alvito, falleceu ha dias, victimado por um ataque cerebral, o sr. Francisco Gonçalves Ralha.

A sua familia os nossos pezames.

—Em Barqueiros, logar das Necessidades, tambem falleceu o sr. Agostinho Capella, irmão do nosso amigo, sr. Horacio Capella.

O finado era um excellente moço, cuja morte contristou cruelmente todos os que sabiam das suas nobres qualidades de carater e coração. Succumbiu aos estragos d'uma tuberculose galopante, cuja marcha destruidora nem a sciencia nem os desvelos da familia extremosa conseguiram deter.

Sentimos profundamente a morte d'este sympathico rapaz e apresentamos a sua familia, especialmente ao nosso amigo sr. Horacio Capella, a nossa sentida condolencia.

Ao funeral do inditoso moço foram assistir varios cavalleiros d'esta villa, entre os quaes os sr. dr. Vieira Ramos, dr. Mattos Graca, Visconde da Fervença, etc. etc.

Communicados

Parabens

—Fez exame de inglez singular, 5.º anno, obtendo a classificação de distincta a menina Maria da Gloria da Silva Bandeira, e de francez, a menina Thereza de Jesus Bandeira, obtendo plena approvação, alumnas do Collégio dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Por este meio envio os meus affectuosos parabens ás intelligentes meninas, a sua ex.^{ma} professora e familia.

O. M. S. B.

Casamento

—Na segunda feira passada realisou-se, na freguezia de Santa Maria do Abbade. d'este concelho, o enlace matrimonial da ex.^{ma} sr.^a D. Rosa Clara Maciel, com o sr. Angelo Ferreira Machado, conceituado proprietario da cidade do Porto.

Lançou a benção nupcial o rev.^o Abbade Leituga, do Neiva, o qual proferiu uma tocante allocução adequada ao acto. Paranypharam por parte da noiva o ex.^{mo} sr. Arnaldo da Silva Santos, muito digno amanuense da Camara Municipal do Porto, e sua ex.^{ma} esposa, a sr.^a D. Olivia d'Assumpção Marinho Santos; e por parte do noivo, o ex.^{mo} sr. Antonio Ferreira Machado, (Sobrinho), estimado capitalista, e s. ex.^{ma} esposa a sr.^a D. Rosa Ferreira Machado.

Aos convidados foi servido um almoço no Bom Jesus de Braga, onde se trocaram calorosos e entusiasmicos brindes.

Desejamos aos noivos uma ridente lua de mel.

Dia a dia

Fazem annos:

—Hje, as sr.^{as} D. Maria Magdalena Xavier e D. Adelaide Candida Marques d'Azevedo.

—Amanhã, os srs. dr. Antonio Martins de Sousa Lima, Manoel Cardoso e Silva e João Gonçalves da Costa.

—Dia 19, a sr.^a D. Maria Nazareth de Sá Carneiro e o sr. capitão Abel Marinho Falcão.

—Dia 20, a sr.^a D. Hortencia Pereira de Sousa Pinto.

—Já regressou do Gerez, com sua familia, o sr. Manoel Ramos de Paula.

—Adoceu o nosso patricio, sr. João Diogo de Sousa Pinto. Appetecemos-lhe rapido restabelecimento.

—Esteve no Porto o nosso distincto amigo sr. dr. Mattos Graca.

—Regressou do Porto o nosso respeitavel amigo sr. dr. Antonio Ferraz, illustre provedor da Misericordia.

Com sua ex.^{ma} familia esteve no Bom Jesus do Monte, Braga, o nosso presado amigo, sr. dr. Joaquim Paes, director politico d'este jornal.

—Com alguma demora sahio na 2.^a feira para o Porto o nosso estimavel amigo e collega, sr. Luiz Ferraz.

—Esteve n'esta villa o sr. major Victorino Paes Moreira.

—Depois de uma longa demora

ra n'esta villa, regressaram ao seu solar da Fervença, os nobres viscondes d'este titulo.

—Esteve no Porto o nosso presado amigo, sr. João Carlos Vieira Ramos, digno gerente do Banco de Barcellos.

—Com sua esposa tem estalado n'esta villa o nosso amigo e patricio, sr. Miquel Lemos, negociante no Porto.

—Passou alguns dias em R. melhe, com sua esposa, o nosso amigo sr. Sebastião d'Azevedo, que já regoessou ao Porto.

—Esteve em Villa do Conde o nosso amigo sr. Augusto Mello.

—Vimos aqui o nosso patricio e amigo, sr. José Duarte de Sousa.

—Adoceu gravemente o nosso amigo sr. José Lopes Varella d'Albuquerque. Fazemos votos pelas suas melhoras.

—Esteve gravemente doente, encontrando-se já muito melhor, o rev.^{mo} sr. cônego Antonio Joaquim de Figueiredo, abbade de Rio Tinto.

ANNUNCIOS

ANNUNCIO

2.^a publicação

No dia 18 do corrente mez de Julho, pelas 11 horas da manhã, no tribunal d'este juizo, teem de ser arrematados em 2.^a praça, os seguintes generos:

—24 hectolitros e 35 litros de milho branco, avaliado em 82\$000 reis, mas entra agora por metade, ou sejam 41\$000 reis;

—33 hectolitros e 34 litros de vinho tinto, avaliado em 60\$012 reismas entra agora por metade, ou seja 30\$006 1/2 reis;

—e 90 duzias de palha milha avaliada em 6\$300 reis, mas entra agora por metade, ou seja 3\$150 reis.

Estes generos são os rendimentos dos bens penhorados a Joaquim da Costa Valle e mulher, de Chorente, na execução que lhes move Manoel Joaquim Domingues d'Oliveira Junior, de Gual.

Pelo presente são citados quaesquer credores desconhecidos dos executados, para fallarem aos termos da execução e nella deduzirem os seus direitos.

Barcellos, 6 de Julho de 1909 e nove.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Nogueira Souto

O escrivão

Manoel Cardoso e Silva

LOJA DO POVO

DE **João de Sousa**

Rua D. Antonio Barroso—Barcellos

SEMPRE:

Magnifico sortido de flannels pretas, piquets, diagonaes e casimiras de côr, para fatos de sobrecasaca, casaca, frak e palletot.

Rica collecção de phantasias para vestidos, etc.

Flannels, chitas, morins, pannos crus, riscados, etc., etc.

Completo sortido de miudezas e tecidos para ferros

NINGUEM compre sem ver o sortido d'esta casa, que tem por norma:

Vender barato, para vender muito

Restaurante e Salchicharia

DE

ANTONIO D'OLIVEIRA MATTOS

—**Barcellos**—

Presuntos, chouriços, salpicões e paos—de Melgaço, Lamego e Alentejo; presunto e carne fresca de porco, fiambre e salamo; queijo da Serra, Cruges, S. Caetano, Rabaçal e Papel; azeitonas, ervilhas, conservas de Espinho, sardinhas em azeite, manteiga, pickles e tomates, manteiga de Deu-Christi (Vianna do Castello); ananaz, bananas, doce do Brazil (abacachis e goyabada), pasteis de doce, laranja, bolacha Maria, tosta e biscoitos para chá; azeite da Villariça a 360 rs. o litro, azeite de Brandão Gomes, finissimo azeite de Mirandella para vender a retalho. Especial café moído a 720 rs. o kilo, chá preto e verde.

Vinho da Quinta do sr. dr. Ramos a 30 e 40 reis o quartilho, vinhos verdes e de meza da R. C. Vinicola:—alimentar, Deuro, leve, branco, Ermida, gasoso, champagnes e tudo mais que é dado a uma salchicharia bem montada, assim como esta.

PHARMACIA

DA

Santa e Real Casa da Misericordia da Barcellos

Edificio do Hospital

Director—Avelino Ayres Duarte, pharmaceutico de 1.^a classe pela Universidade de Coimbra

Esmerado sortimento de todos os artigos que guardam uma boa pharmacia.

Agencia de seguros.

Grandes armazens de fazendas

DE

AURELIO RAMOS

O mais importante estabelecimento do Minho e que mais barato vende

Largo da Porta Nova e Rua Barjona de Freitas

BARCELLOS

Pulverisadores

Sulfato—Enxofre

Na antiga casa MARQUES, rua D. Antonio Barroso, antiga rua Direita, alem de ferragens, tinta vidros, carvão, ferro e arame para ramadas, vendem-se Pulverisadores nacionais e estrangeiros de todos os auctores, bambus e tubo de borracha para sulfatar, sulfato de cobre, enxofre em pó e pedra, e outros artigos tudo de primeira qualidade, e preços sem competencia.

Manoel Joaquim Coelho Gonçalves
(SUCCESSOR)

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

As Mentiras Convencionaes da Nossa Civilisação

Por Max Nordau

Traducção de Agostinho Fortes

Publicação mensal de elegantes volumes de 200 paginas pela insignificante quantia de 200 rs. em brochura e 300 reis encardonado!!! Por tão insignificante quantia não se instrue quem não quer.

Condições d'assignatura

Pagamento adeantado por vale do correio ou em estampilhas postaes por carta registada.

Francos de portos

Anno 12 vols. brochados 2\$400.

Meio anno 6 vol. » 1\$200

Avalso 200 reis!!

Anno 12 vol. enc. 3\$600

Meio anno 6 vol. enc. 1\$800

Avalso 300 reis!!

A venda em todas as livrarias, correspondentes de provincia e no editor

Abel d'Almeida

Rua do Alecrim, 30, 32—Lisboa

Peço-se a attenção do exm.^o publico para a leitura do annuncio abaixo, dos antigos ateliers da Europa, artisticos, a arte reunida, com quem ninguém pede competir em vista do conjunto dos ditos, vendendo todos os artigos por metade dos preços de qualquer outra casa

A unica fabrica que ha completa na Europa em



Sellos em branco para reparações e companhias, garimpos de metal, borracha e para lacre, numeradores, tintas, bragens a cores, relevos,

monogrammas e brazões, prensas, balanças, cunhos, alicates para sellar chumbo, fabrica de chapas esmaltadas em metal e ferro, gravura em pedra e seus annois. Lithographia, Typographia, Papelaria, Ferragens, bilhetes, trabalhos superiores, etc. é a casa A. L. FREIRE gravador, o qual tem feito viagens de estudo á Alemanha, Austria, França, Inglaterra, e grande CASA de muitos artigos, aonde emprega mais artistas que todas as outras reunidas do paiz. Mandam-se as encomendas para a provincia á cobrança, por isso podem fazer os seus pedidos, de tudo que vv. ex.^{as} desejarem, para lho serem remittidos sem demora.

A. L. FREIRE-GRVADOR

94 a 96, rua da Victoria,

Rua do Ouro, 158

a 161

Telephone, 945—LISBOA

adresse telegraphico—ERIERF

BRINDE—Todas as compras superiores a 800 reis, o freguez pode requisitar um calendario-chromo para escriptorio com bloqto.

Companhia de Seguros

“Fraternidade,”

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 200:000\$000 reis

Setimo anno de bonus aos srs. segurados

Esta companhia effectua seguros maritimos e terrestres a preços rasoaveis. Tem agentes em todas as localidades da provincia do Minho.

Sede em Braga.

Agente em Barcellos

Eduardo Illydio Vieira Ramos

Pharmacia e Drogaria

Carlos Maria

Vieira Ramos

Pharmaceutico

Rua Barjona de Freitas.—Serviço permanente

Deposito de productos chimicos e pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros—Aguas mineraes—Algalias—Fundas—Seringas—Irrigadores—Thermometros—Muitas outras especialidades.

Completo sortido de tintas, oleos, alvaiades, vernizes, pinceis etc. etc.—Modicidade nos preços.—Pulverisadores dos melhores auctores.

Adubações acomodadas ás culturs

Alem de marcas feitas para muitas culturas existem á venda das melhores casas de Lisboa os «componentes» de todas as adubações apropriadas ás diversas culturas:

Nitrato de sodio

Sulfato de ammonio

Superphosphatos de cal

Phosphato Thomaz

Chloreto de potassio

Sulfato de potassio

Gesso, etc. etc. etc.

Ha sempre o maximo escrupulo na preparação dos adubos encomendados para que os seus effectos sejam seguros.

Prestam-se esclarecimentos quando sejam precisos ou exigidos para a applicação d'estes mesmos adubos.

Pedidos a

Joaquim Gonçalves da Silva Matto

aferridor e medidor official da Camara Municipal de Barcellos

Rua Faria Barbosa, n.º 43.

Todos os alubos consumidos nos ultimos dois annos—por signal com extraordinarios resultados—tem sido fornecidos exclusivamente pela importantissima e acreditadissima Casa Herold e C.º de Lisboa.

Aguas de S. Vicente

ENTRE-OS-RIOS

E poderosa a sua acção nas affecções chronicas dos orgãos respiratorios, estomago, fígado, intestinos, apparelho urinario e pelle.

Esta estancia e Grande Hotel de S. Vicente abertas de 27 de maio a 15 de outubro.

Deposito em Barcellos

Pharmacia

Carlos Maria Vieira Ramos

JOÃO BAPTISTA DA SILVA CORREIA

PROCURADOR

41—Rua do Infante D. Henrique—43 (Em frente á Recebedoria)

BARCELLOS